



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

RAQUEL DE LIMA RODRIGUES

**IDENTIDADE EM PERSPECTIVA: A UTILIZAÇÃO DOS LIVROS DA AUTORA
KIUSAM DE OLIVEIRA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA
CRIANÇA NEGRA.**

**CAJAZEIRAS – PB
2024**

RAQUEL DE LIMA RODRIGUES

**IDENTIDADE EM PERSPECTIVA: A UTILIZAÇÃO DOS LIVROS DA AUTORA
KIUSAM DE OLIVEIRA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA
CRIANÇA NEGRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de licenciatura em
Pedagogia do Centro de Formação de
Professores - CFP, da Universidade
Federal de Campina Grande - UFCG,
como requisito parcial e obrigatório para a
obtenção do título de pedagoga

Orientadora: Profa. Dra. Belijane Marques
Feitosa

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

R696i Rodrigues, Raquel de Lima.
Identidade em perspectiva: a utilização dos livros da autora Kiusam de Oliveira no processo de construção identitária da criança negra / Raquel de Lima Rodrigues. – Cajazeiras, 2024.
47f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Belijane Marques Feitosa.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2024.

1. Literatura infantojuvenil. 2. Kiusam de Oliveira - Contos. 3. Pesquisa etnográfica. 4. Personagens negros - Representatividade. 5. Identidade negra. 6. Crianças negras - Construção idenitária. 7. Protagonistas negros. 8. Educação antirracista. I. Feitosa, Belijane Marques. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 82-93

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

RAQUEL DE LIMA RODRIGUES

**IDENTIDADE EM PERSPECTIVA: A UTILIZAÇÃO DOS LIVROS DA AUTORA
KIUSAM DE OLIVEIRA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA
CRIANÇA NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores - CFP, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de pedagoga

Aprovado em: 19/07/2024

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Belijane Marques Feitosa (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Profa. Dra. Zildene Francisca Pereira (Examinadora 1)
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Profa. Dra. Edinaura Almeida de Araújo (Examinadora 2)
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Profa. Dra. Rozilene Lopes de Sousa Alves (Suplente)
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Dedico este trabalho a minha querida mãe, Juvanir Albertina de Lima, que por muitas vezes deixou de viver seus maiores sonhos para que eu pudesse viver os meus. Pela força e coragem de enfrentar a fome com cinco filhas e filhos sem deixar que faltasse para nós o que comermos e vestirmos, por ser minha fonte de inspiração para seguir a caminhada dura da vida. Por fim, por me oferecer o maior exemplo de amor que eu poderia ter.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, o meu maior agradecimento é para meu melhor amigo Jonas Alexandre Ferreira por ser a pessoa que mais acreditou em mim, até mesmo quando eu duvidava de onde eu poderia chegar, por ser o meu maior apoiador e a melhor pessoa que compartilhei esses meus últimos anos, por ter sido um dos motivos pelos quais não consegui desistir da minha graduação e nem da vida, por ter sido meu abrigo quando em nenhum outro lugar me trouxe o conforto do seu abraço, por ser a pessoa que mais me inspira e por ter compartilhado comigo conhecimentos que foram cruciais para o meu reconhecimento como mulher preta.

Quero agradecer a segunda pessoa que inicialmente mais me incentivou a cursar pedagogia, meu pai Raimundo Caetano Rodrigues, obrigada por ter me dado forças, coragem e apoio na minha jornada acadêmica. Agradeço por ter enxergado que eu poderia ir longe e que nem mesmo o medo poderia me parar.

Agradeço a minha querida orientadora, Belijane Marques Feitosa, por ter abraçado a proposta do meu trabalho e aceitado fazer parte dessa minha história, também pela paciência, apoio e por direcionar-me pelo caminho da literatura afro-brasileira.

Agradeço aos meus irmãos maternos: Cicero, Patrícia, Josimara e Emerson por sempre me incentivarem ao caminho da Educação. Também às minhas irmãs paternas: Maria de Fátima e Francisca Fabiana pela força e incentivos. Agradecer a minha irmã de coração: Lucimara Nogueira, pela amizade, pela força, conselhos, pelas partilhas, e principalmente, por se inspirar em mim, saber que posso ser fonte de inspiração para alguém me faz acreditar que de alguma forma contribuo positivamente para sua construção.

Agradeço grandemente a Dona Cícera, por ter me acolhido com tanto amor em sua casa, por seus cuidados e conversas, que deixaram meus dias difíceis na época, um pouco mais leves e menos dolorosos.

Ao meu companheiro de casa e amigo, Lucas de Lima César, agradeço pelos incentivos, por me inspirar sempre a busca de conhecimentos, pelas risadas, cuidados, carinho, e uma das melhores coisas que construímos juntos, a nossa amizade.

Agradeço à minha amiga e irmã de coração, Bruna de Sousa, que vem fazendo parte da minha vida a mais de treze anos, por permanecer comigo todo esse tempo

prestando apoio, compartilhando vivências inesquecíveis, pelas trocas de conhecimentos, por me proporcionar momentos de alegria, por todo amor, carinho e admiração.

Agradeço a minha amiga, Maria da Conceição Rodrigues, por andar sempre de mãos dadas comigo durante todo o curso, por ter sido abrigo nos dias chuvosos, por me aconchegar com suas palavras, por dividir as melhores experiências acadêmicas, pela força, incentivos, paciência, e por me proporcionar a sua linda e genuína amizade.

Às minhas amigas e amigos que conheci na universidade, Ana Paula Ferreira, por ter compartilhado e acompanhado todo no meu trajeto acadêmico juntas, pelas risadas, festejos, trabalhos realizados e pela paciência comigo. A minha amiga e xará, Raquel Leão, pelo apoio, empatia e carinho nos momentos e condições de fragilidade. Ao meu amigo Yuri Andrade, por sempre enaltecer as minhas conquistas, por acreditar em mim, pela admiração e carinho comigo.

A rapunzel é linda sim, com os dreads no terraço
Mas se a lebre vim de juliet, até a tartaruga
aperta o passo
Porque é sim tão difícil de explicar
Na ciranda, cirandinha, a sirene vem me
enquadrar
Me mandando dar meia-volta sem ao menos me
explicar [...] (Cesar MC).

RESUMO

A pesquisa ora apresentada discute sobre a representatividade de personagens negros na literatura infanto juvenil para a construção identitária de crianças negras na escola, com o propósito de mostrar as possíveis contribuições dos contos da escritora Kiusam de Oliveira para o reconhecimento dessas crianças, de maneira a valorizar as diferentes culturas étnicas. A metodologia adotada consistiu em uma pesquisa etnográfica, com abordagem qualitativa, a partir da análise sobre a reação e percepção dos alunos de três escolas que participaram de oficinas de contação de histórias das obras da autora supracitada, promovendo ainda uma reflexão sobre a importância da representatividade das características da cultura e corpo negro nas obras literárias transmitidas às crianças. Os resultados demonstraram que a carência de protagonistas negros não só perpetua estereótipos raciais prejudiciais, mas também priva os jovens leitores de experiências literárias enriquecedoras que refletem a pluralidade da sociedade. Em contrapartida, crianças que se veem refletidas nos livros que leem são mais propensas a desenvolver um amor pela leitura e a se engajar mais profundamente com o material. Assim, a inclusão de protagonistas negros não é apenas uma questão de justiça social, mas também de eficácia educacional. Concluiu-se que a integração de contos como os de Kiusam de Oliveira e outros autores que abordem as características do povo negro no currículo escolar promove um ambiente educacional representativo, onde todas as crianças possam se reconhecer, se valorizar e se respeitar.

Palavras-chave: Kiusam de Oliveira. Negritude. Literatura. Representatividade.

ABSTRACT

The research presented here discusses the representativeness of black characters in children's literature for the construction of black children's identities at school, with the aim of showing the possible contributions of stories by the writer Kiusam de Oliveira to the recognition of these children, in a way that values different ethical cultures. The methodology adopted consisted of ethnographic research, with a qualitative approach, based on an analysis of the reaction and perception of students from three schools who took part in storytelling workshops on the works of the aforementioned author, also promoting reflection on the importance of representing the characteristics of black culture and the black body in literary works transmitted to children. The results showed that the lack of black protagonists not only perpetuates harmful racial stereotypes, but also deprives young readers of enriching literary experiences that reflect the plurality of society. On the other hand, children who see themselves reflected in the books they read are more likely to develop a love of reading and engage more deeply with the material. Thus, the inclusion of black protagonists is not only a question of social justice, but also of educational effectiveness. It was concluded that integrating stories such as those by Kiusam de Oliveira and other authors that address the characteristics of black people into the school curriculum promotes a representative educational environment where all children can recognize, value and respect themselves.

Keywords: Kiusam de Oliveira. Blackness. Literature. Representativeness.

TABELA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Racismo em festinha escolar	22
Figura 2: Caso de racismo em escola de Cajazeiras.....	23
Figura 3: Capa do livro Omo-oba	29
Figura 4: Capa do Livro Com qual penteado eu vou?	31
Figura 5: Capa do livro “O Black Power de Akin”	32
Figura 6: Diversidade de cabelos	38
Figura 7: "Cada um com sua cor de pele"	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 UMA CONCEITUAÇÃO SOBRE IDENTIDADE NEGRA	15
2.1 IDENTIDADE NEGRA.....	15
2.2 IDENTIDADE NEGRA NA INFÂNCIA	18
2.3 A CRIANÇA NEGRA NA ESCOLA.....	20
3 ERA UMA VEZ UMA AUTORA NEGRA:	24
3.1 KIUSAM DE OLIVEIRA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA AUTORA.....	24
3.2 DA DEFINIÇÃO DE CONTOS.....	26
3.3 A IMPORTÂNCIA DE CONTOS SOBRE CRIANÇAS NEGRAS NA LITERATURA INFANTIL: UMA PERSPECTIVA NECESSÁRIA PARA A REPRESENTATIVIDADE E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	27
3.4 DOS CONTOS.....	28
3.4.1 “OMO-OBA: HISTÓRIA DE PRINCESAS E PRÍNCIPES”	29
3.4.2 “COM QUAL PENTEADO EU VOU?”.....	30
3.4.3 O <i>BLACK POWER</i> DE AKIN.....	32
4 ESTUDO DE CASO	34
4.1 PESQUISA ETNOGRÁFICA	34
4.2 DA REALIZAÇÃO DAS OFICINAS.....	35
4.3 RESULTADOS OBTIDOS.....	39
5 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA AS OFICINAS	

1 INTRODUÇÃO

O trabalho em questão discute sobre a representatividade de personagens negros na literatura infanto juvenil para a construção identitária de crianças negras na escola, com o propósito de mostrar as possíveis contribuições dos contos da escritora Kiusam de Oliveira para o reconhecimento dessas crianças, de maneira a valorizar as diferentes culturas étnicas.

A inquietação com essa temática surgiu a partir de uma experiência pessoal e profissional. O estímulo pessoal adveio da reflexão sobre o meu processo de escolarização, em que o ambiente escolar sempre foi encarado por mim como um dos mais cruéis que eu pude vivenciar, pois o racismo escancarado que sofria todos os dias me deixaram marcas as quais ainda não consigo expor sem sair da minha zona de conforto. A perspectiva profissional, por sua vez, ocorreu porque enquanto professora de educação infantil enxerguei a necessidade de levar para a sala de aula ferramentas que pudessem contribuir positivamente para o reconhecimento dos meus alunos de forma a valorizar suas culturas e fomentar suas identidades, observando o conto como uma dessas possibilidades.

Como sugere Santos (2012), a identidade de um indivíduo é determinada de acordo com suas escolhas políticas, sociais e intelectuais, sendo resultado das suas vivências dentro do seu contexto específico, onde ele se reconhece e é reconhecido, pois esta é uma elaboração de caráter individual, porém, também social. De tal modo, evidencia-se que não se trata puramente de como esse grupo se concebe, mas, sim, de como a sociedade lhe construiu e os mecanismos de manutenção adotados por ela para a perpetuação de uma estrutura social que oprime os corpos pretos.

Nesse sentido, faz-se necessário um processo de ressignificação de termos, conceitos e símbolos por parte do próprio povo preto, para que haja uma tomada de consciência histórica e política dos mesmos, possibilitando que se identifiquem como negros e reivindiquem uma reavaliação de como são enxergados e retratados na sociedade e, assim, resistir ao modelo que os oprime. Ideia essa bem trabalhada pela psicanalista negra Neusa Santos Sousa, em sua obra *Tornar-se negro* (1990), na qual fala que não basta nascer com a pele preta, precisa-se incorporar o legado ancestral cultural que nos foi deixado, em oposição à estrutura racista que nos ensina a odiar nossos traços.

A partir dessa perspectiva, a pesquisa aqui apresentada dispõe de um referencial bibliográfico com um número bastante expressivo de trabalhos de pensadores pretos que escrevem sobre a temática da negritude, rompendo a ideia de “dar voz” a um grupo, e sim deixar que os mesmos falem sobre si. Acentuo desse modo a importância da realização de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores negros, partindo da premissa que nós concebemos o mundo e os outros partindo do lugar social que nos encontramos.

Sendo assim, ao me lançar a escrever sobre as representações negras nos contos, falo do que vivo, como me defino e como essas questões me afetam. É preciso incentivar a produção científica de autores pretos, como sugere Djamila Ribeiro no seu livro *Pequeno Manual Antirracista*, publicado em 2019, no qual fala que não é justo que em um país cuja maior parte da população é negra, apenas os brancos sejam considerados portadores de conhecimento e competentes para sistematizá-los em obras acadêmicas.

Não podemos negar que o racismo é uma criação da branquitude¹, e enquanto os intelectuais negros não tomarem seus lugares de direito, cairemos na cilada da história escrita sob a perspectiva dos dominadores sobre os dominados, que pode ser observada quando analisamos a insistência de retratar o povo negro apenas como escravos destituídos de cultura e contribuições positivas para a criação da sociedade e da identidade cultural brasileira.

Dentro da perspectiva de propor uma análise colocando o negro no centro da discussão, tomando como base suas experiências, o debate cultural se mostra imprescindível para contrastar com uma história despersonalizada que tende a estudar grandes estruturas e categorias, dissociada das pessoas e suas singularidades.

Postulando uma história sem rosto que não se compadece dos indivíduos, das suas culturas e motivações, gerando, assim, produções genéricas sobre uma determinada época, que pouco contribui para entender sobre o sistema vigente, e como ele interfere na vida cotidiana dos povos, esquecendo que o fator mais relevante das ciências humanas são as pessoas (Burke, 2008). Exemplo disso são vários dos escritos sobre a escravidão que dão mais foco ao impacto econômico dessa mão de obra forçada nos engenhos, do que ao cotidiano dos pretos nas senzalas e suas

¹ O uso do termo “branquitude” refere-se à identidade racial do branco, o pertencimento étnico a um grupo (Silva, 2011)

múltiplas resistências, as violências reais e simbólicas a que esse povo foi exposto e quais marcas esse fenômeno legou aos seus descendentes “livres”.

A presença e a experiência da criança negra no ambiente escolar são temas de grande relevância e complexidade, que demandam uma análise multifacetada para compreender as dinâmicas de inclusão, exclusão e identidade. Historicamente, a criança negra tem sido submetida a processos de marginalização e invisibilidade, tanto no currículo escolar quanto nas práticas pedagógicas. Esse fenômeno, resultante de um legado colonial e racista, perpetua desigualdades e limita o pleno desenvolvimento dessas crianças.

No contexto escolar, a criança negra frequentemente enfrenta desafios adicionais em comparação com seus pares. Esses desafios incluem o racismo explícito e implícito por parte de colegas e educadores, além da falta de representatividade positiva nos materiais didáticos. A ausência de figuras históricas e culturais negras nos currículos escolares contribui para uma sensação de não pertencimento e inferioridade, impactando negativamente a autoestima e o desempenho acadêmico desses alunos (Videira, 2007).

Nessa perspectiva, adotamos a posição da importância dos contos como materiais pedagógicos para a introdução de determinados conteúdos, visto que são definidos como textos curtos em que um narrador conta uma história desenvolvida em torno de um enredo específico. Geralmente, há poucos personagens e locais, já que a brevidade do formato não permite incluir muitos elementos. A estrutura desse gênero literário compreende quatro partes: apresentação do enredo, desenvolvimento dos acontecimentos, momento de tensão (clímax) e solução (desfecho). Existem diversos tipos de contos, como os realistas, populares, fantásticos, de terror, de humor, infantis e psicológicos (Santos, 2023).

No que se refere a incorporação da temática da negritude nos contos, essas narrativas oferecem representatividade, promovem a valorização da cultura afro-brasileira e abordam questões como identidade, ancestralidade e resistência. Autores negros têm produzido contos que exploram experiências únicas, trazendo à tona histórias de luta, superação e pertencimento. Esses contos nos conectam com valores humanos essenciais e nos ajudam a compreender diferentes perspectivas, além de fortalecer a identidade cultural e a autoestima da comunidade negra, a exemplo as obras: *Com qual penteado eu vou?*; *O black power de Akin*; e, *OMO-OBA: histórias de princesas e príncipes*, da escritora Kiusam de Oliveira, as quais se destinam o presente trabalho.

Para satisfazer de maneira suficiente a complexidade do tema proposto, optei pela pesquisa etnográfica como metodologia adotada. Trata-se de um método qualitativo de investigação utilizado principalmente nas ciências sociais, como antropologia e sociologia, para estudar culturas e comunidades em seu contexto natural. Ela envolve a observação participativa, onde o pesquisador emerge no ambiente e nas atividades cotidianas dos sujeitos estudados, coletando dados através de observações, entrevistas, e interações diretas. O objetivo é compreender profundamente os comportamentos, práticas, crenças e interações sociais de um grupo específico, proporcionando uma visão detalhada e contextualizada da vida e cultura desse grupo (Wielewicki, 2001).

Adiante, em termos de estrutura, dividi a monografia em três capítulos, sendo eles: Uma conceituação sobre identidade negra, em que exponho diferentes definições e análises acerca do que é identidade, e sobretudo a identidade negra; seguindo para o capítulo, era uma vez uma autora negra, no qual discorri sobre as obras, e a trajetória da escritora negra Kiusam de Oliveira, assim como da definição de contos, suas principais características, e a descrição das obras selecionadas para esta dissertação; e, por fim, um estudo de caso, em que apresentei a condução da minha pesquisa, desde as escolas escolhidas para aplicação das oficinas, até os resultados, por mim obtidos.

2 UMA CONCEITUAÇÃO SOBRE IDENTIDADE NEGRA

A discussão sobre a identidade negra perpassa inicialmente pela negritude enquanto uma categoria sócio-histórica (Munanga, 2020). Essa é uma afirmação dada pelo pesquisador Kabengele Munanga em sua obra intitulada *Negritude: usos e sentidos* em que discute as nuances da identidade, e a qual nos serviremos nesta arguição.

Para dar conta da discussão proposta, dividi o capítulo em três subtópicos, sendo eles: o primeiro *Identidade Negra* em que discuto a conceituação do termo e apresento um breve debate historiográfico acerca do tema; um segundo intitulado *Identidade negra na infância*, em que analiso como se dá o processo de construção identitária da criança negra, sobretudo a sua exposição ao racismo e como este interfere no seu reconhecimento enquanto um indivíduo negro ; e por último, *A criança negra na escola*, que se ocupa em apresentar como a identidade é vivida e experienciada pelas crianças no ambiente escolar e sua contribuição (negativa ou positivamente) para a sua autoimagem.

2.1 IDENTIDADE NEGRA

Para termos uma melhor compreensão acerca da construção da identidade negra se faz necessário primeiro entender isoladamente o conceito de identidade. E para isso, nessa pesquisa fazemos uso do pensamento do sociólogo francês Claude Dubar, o qual aponta que o sujeito não nasce com uma identidade já estabelecida, e sim, que ela é construída e moldada ao longo do tempo através das relações entre os indivíduos. Bem como, que a identidade pode ser entendida enquanto uma construção que se dá numa dimensão individual, mas também coletiva, uma vez que esta é influenciada pela cultura, comunidade e pelos valores da sociedade a qual pertencemos.

Dubar defende em seu trabalho que “definimo-nos a partir dos grupos que pertencemos e de quais nos afastamos, moldamo-nos assim ao longo do tempo a depender das nossas vivências e socializações” (Ferreira, 2023. p.37). Tal assertiva desvela o princípio da alteridade, conceito trabalhado pelo filósofo Silvio Gallo, que afirma que “o outro é também uma máscara, é aquele que me habita, o outro de mim

mesmo, é quem me legitima, sou eu porque não sou o outro, preciso do diferente para definir quem sou eu e quem são meus iguais” (Ferreira, 2023, p. 37).

Ou seja, além de nos definirmos a partir dos grupos aos quais pertencemos, utilizamos uma lógica de contraste para identificar quem somos. Por exemplo: sabemos que somos negros, pelo contraste com o branco; somos considerados baixos, em oposição as pessoas altas; somos taxados de belos, a partir da comparação do que construímos como feio.

Outro autor que também se lançou a difícil tarefa de conceituar e explicar a identidade, foi o famoso sociólogo Zygmunt Bauman, o qual discorreu acerca do caráter efêmero das identificações individuais, apontando que a construção identitária é constante, e passamos a vida redefinindo o todo tempo, quem somos. Logo, a identidade é, assim, uma jornada contínua de autodescoberta e construção de significado (Bauman, 2005).

Tal pensamento corrobora com a ideia de Dubar, se considerarmos que frequentemente adentramos em novos grupos, e que se nossa identidade sofre alteração a partir desses, logo, ela não se configura como algo definitivo. Outro ponto defendido por Bauman que merece destaque, diz respeito ao conceito de interseccionalidade, termo que versa sobre a interação ou sobreposição de fatores sociais que moldam a identidade de um indivíduo e influenciam sua conexão com a sociedade, bem como seu acesso a direitos.

O supracitado autor induz que a identidade é atravessada por múltiplas determinações, a exemplo, de gênero, classe, raça, etnia, entre outros, e que cada grupo ao qual uma pessoa pertence, lhe agrega uma identificação distinta, porém que uma não anula a outra.

Numa dimensão racial, tema deste capítulo, Nilma Lino Gomes (2003) concebe a identidade negra como uma construção sócio-histórica e cultural, que envolve a percepção dos sujeitos pertencentes a um mesmo grupo étnico-racial sobre si mesmos, partindo de suas relações com o outro (Gomes, 2019).

Já segundo Kabengele Munanga (2012), a identidade negra no Brasil é intrinsecamente ligada à negritude, entendida como uma categoria sócio-histórica. Munanga chama atenção para a dificuldade de classificar categoricamente quem é negro no Brasil e quem não é, pois, segundo ele, três fatores são imprescindíveis para se pensar a identidade de qualquer grupo social, sendo eles: o histórico, o qual denota uma ligação com a ancestralidade que une um grupo enquanto coletividade detentora

de uma história em comum; o linguístico, que remete ao dialeto partilhado e o psicológico, referente as crenças e formas de comportamentos.

Munanga (2004) explica que no caso da comunidade negra brasileira, a imprecisão de classificação se dá pelo advento diaspórico africano e suas implicações, as quais comprometeram diretamente os três fatores anteriormente mencionados. Visto que a escravidão foi responsável por tentar apagar toda e qualquer história positiva da população negra escravizada, bem como por tentar extinguir seus dialetos próprios, e crenças. Vale aqui ressaltar que é a partir dos terreiros que os elementos linguísticos trazidos de África sobreviveram de algum modo na cultura brasileira, não com a finalidade de conversação, mas, sim, enquanto uma linguagem esotérica, de culto e comunicação com os orixás.

Nesse sentido, o autor aponta que devido a tentativa de apagamento da história e da cultura africana no Brasil — e já que são, a partir desses elementos que se estabelece uma identidade comum entre indivíduos — que a identidade negra foi construída sob o prisma da negritude. Conceito que para o supracitado pesquisador remete a relação de união presente em todos os negros, da opressão causada pelo racismo que os atingem independente de classe social, idade, gênero, crença e ideologia. Em outras palavras, para Kabengele Munanga (2020), o fator que liga todos os negros no Brasil, é a opressão.

Desse modo, a identidade negra, para o autor, seria uma identidade política, porque “nela se encontram negros e negras de todas as classes sociais, de todas as religiões, de todos os sexos, porque todos são vítimas de discriminação e exclusão raciais” (Munanga, 2012, p. 12). O antropólogo afirma ainda que a identidade está relacionada com a tomada de consciência da diferença entre brancos e negros, já que, para ele, embora a negritude não esteja ligada a fatores essencialmente biológicos, a cor da pele e os traços fenotípicos são importantes na classificação do negro brasileiro, bem como a história que se construiu sobre ambos, em que os brancos se definiram como superiores e, em oposição, construíram uma narrativa de inferioridade para os pretos.

Complementarmente a tal definição, Ferreira (2023) elabora em seu trabalho uma complexa discussão de como se construiu ao longo dos séculos uma ideia de estética negra ligada a visões racistas sobre tal tema. Apontando as transformações que esta sofreu ao longo do tempo e como o conceito de beleza interfere no processo de construção da identidade afro-brasileira, sendo responsável por vezes por fazer

com que pessoas negras se aceitassem ou rejeitassem seus traços físicos naturais e sua ancestralidade com tudo que ela significa, em nome de uma estética eurocêntrica, que os oprimiam e se mostrava como impossível de replicar.

Posto isto, nota-se que no Brasil, independente da classe social, idade, gênero, credo, orientação sexual e demais diferenças que possam existir entre pretos e pardos, todos estarão expostos ao racismo. Obviamente que em níveis diferentes a depender de fatores como: tonalidade de pele, textura dos cabelos, formato do nariz, grossura dos lábios, entre outros aspectos próprios do fenótipo negro, porém, sempre vítimas do racismo, mesmo que de forma velada e sutil.

Em sua análise sobre a identidade negra, Azevedo (2018) pontua que esta se construiu numa esfera contrastiva, na qual o negro era definido de forma espelhada e as características do branco era o objetivo desejado, sendo destituídas de valores positivos as que fossem distintas ou mesmo opostas. Definição que caminha no mesmo sentido dos autores Francisco Carlos de Lucena e Jorge dos Santos Lima (2018), que ressaltam, influenciados pelo conceito de alteridade, que a identidade negra é vivida nas diferenças.

Os autores chamam atenção ainda para o fato de que a identidade de um grupo “resulta da manipulação de uma imagem positiva ou negativa” (Lucena; Lima, 2018), que no caso do negro brasileiro foi construída como algo a ser superada, desde padrões de comportamentos associados a negritude a uma dimensão estética negativada pelo contraste com a beleza branca. Essa imagem se introjetou na mentalidade das pessoas negras de tal modo que fez com que elas desejassem outro pertencimento étnico e, por sua vez, rejeitassem seus traços biológicos por associarem diretamente “o ser negro” como algo ruim.

2.2 IDENTIDADE NEGRA NA INFÂNCIA

A perspectiva de infância distinta da vida adulta é um reflexo da mentalidade moderna. Na época medieval, a criança era considerada uma versão em miniatura do adulto, enfrentando laboriosas tarefas que frequentemente demandavam força física, resultando em uma elevada taxa de mortalidade infantil (Cunha, 2023).

De acordo com a pesquisa desenvolvida pelo Historiador Especialista em Cultura Afro-Brasileira Jonas Alexandre Ferreira, na qual concebe a relação existente entre a estética negra e o processo de construção identitária desse povo, a infância

de crianças negras é marcada por fatores que dificultam sua autoafirmação racial (Ferreira, 2023). Para desenvolver sua análise o autor realizou entrevistas com 17 (dezessete) pessoas negras de diferentes idades, formações, e condições sociais, do município de Cajazeiras, cidade localizada no alto sertão paraibano, na qual também realizar-se-á minha investigação

Os entrevistados em unanimidade reconheceram a infância (sobretudo suas experiências escolares) como sendo a pior fase de suas vidas, expondo desde a falta de representações positivas sobre seus corpos e aparências, à momentos violentos de racismo aos quais foram submetidos. Ferreira, Concebe em seu trabalho que tais fatores retardam o processo de identificação dessas pessoas como sujeitos negros, criando uma necessidade de rejeição dos traços físicos, da cultura e conseqüentemente da identidade negra. Vejamos por exemplo, uma fala retirada do seu trabalho, em que expressa bem tal assertiva:

É... durante a infância foi... eu diria que a fase mais difícil da minha vida. Uma que... quando a gente é pobre e quando a gente é preto, a gente já sente aquele peso, né?! Principalmente na infância quando a gente começa a conviver com as outras pessoas, né?! E aí querendo ou não a gente sente certo impacto. Mas, em relação ao meu cabelo, sempre foi algo que... querendo ou não me incomodava. Me incomodava porque não era algo que era... eu não via na televisão cabelos como os meus, eu não via na rua cabelos como o meu. Então não tinha como eu aceitar meu cabelo como ele era. Porque aquilo que tava na minha cabeça era o que não era bonito pra sociedade, então querendo ou não sempre me incomodava durante a infância, por isso que eu já cresci assim, basicamente alisando pra tentar me encaixar naquele padrão que a sociedade dizia que é o que é bonito. Então querendo ou não isso sempre me incomodou no meu cabelo. Mas não porque era... tipo assim, me incomodava, mas não porque eu achava que era feio. E, sim, porque as pessoas me fizeram acreditar que era feio (Ferreira, 23, p.63).

O enxerto acima refere-se a entrevista de uma mulher negra de 22 anos, estudante do curso de filosofia e influenciadora digital. Em seu relato a jovem narra sua experiência durante a infância, e nos desvela dois importantes pontos para entender como as crianças negras começam a entender o que significa ser um indivíduo negro em uma sociedade extremamente racista como a brasileira. Sendo eles, a falta de representatividade positiva nos espaços, e a relação com sua estética mediante um padrão branco de beleza imposto.

2.3 A CRIANÇA NEGRA NA ESCOLA

A vivência escolar das crianças negras pode ser frequentemente caracterizada por desafios singulares. Desde tenra idade, elas podem confrontar obstáculos que variam desde a ausência de representação nos materiais didáticos até a presença de discriminação e racismo no ambiente escolar. A falta de figuras e narrativas que reflitam suas próprias experiências e herança cultural pode gerar sentimentos de invisibilidade, impactando negativamente em sua autoestima e senso de pertencimento. Dessa forma:

A identidade da criança negra está em processo de construção e se constitui nas interações sociais, por isso, é fundamental que ela encontre na escola elementos significativos referente à sua etnia, proporcionando a percepção da sua autoestima. Nesse processo de construção da identidade, a escola assume um importante papel (Souza; Lopes; Santos, 2007, p. 4).

Portanto, a escola, sendo um ambiente onde as crianças passam grande parte de seu tempo, é um cenário propenso ao surgimento de questões relacionadas à identidade, inclusão e representatividade, considerando ela o segundo maior espaço de socialização para essas crianças. A construção da identidade é influenciada por uma série de fatores, e na escola, a representação, a cultura inclusiva e as interações sociais desempenham papéis fundamentais.

Assim, para Gomes (2003) a escola desempenha um papel crucial na formação da identidade dos indivíduos, especialmente no que diz respeito à identidade racial e étnica. Pois é nesse ambiente que as crianças e jovens têm contato com diferentes culturas, valores e representações. No caso da identidade negra, a escola pode ser tanto um espaço de empoderamento quanto um local onde estereótipos e preconceitos são perpetuados. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, influencia diretamente como esses indivíduos se veem e como são vistos pelos outros.

Desse modo, vale ressaltar que o currículo escolar desempenha um papel central na formação da identidade. A inclusão de conteúdos que reflitam a diversidade étnica e cultural é imprescindível. Isso envolve não apenas abordar a história e a cultura negra, mas também garantir que os materiais didáticos representem uma variedade de perspectivas. Além disso, a presença de professores negros como

modelos e mentores é indispensável para que os alunos se vejam representados e valorizados.

A construção da identidade negra na escola enfrenta desafios significativos. Por um lado, há a possibilidade de valorização das identidades e diferenças, promovendo uma visão positiva e inclusiva. Por outro lado, a escola também pode estigmatizar, discriminar e negar a experiência negra. É fundamental que educadores estejam cientes dessas dinâmicas e trabalhem ativamente para combater o racismo estrutural e criar um ambiente acolhedor para todos os alunos (Valença, 2023).

Destaca-se que crianças negras frequentemente enfrentam situações de racismo e discriminação nas escolas. Comentários ofensivos, apelidos pejorativos e exclusão social são algumas das formas pelas quais o racismo se manifesta. Essas experiências podem ter um impacto profundo na autoestima e no bem-estar emocional das crianças, afetando seu desempenho acadêmico e sua saúde mental (Gomes, 2003).

Professores e colegas muitas vezes perpetuam estereótipos raciais, como associar crianças negras à indisciplina ou à falta de habilidade acadêmica. Além disso, o tratamento desigual em relação a punições, oportunidades educacionais e participação em atividades extracurriculares pode ser profundamente injusto para os alunos negros. Essas experiências podem criar barreiras significativas para o desenvolvimento e o sucesso escolar (Gomes, 2003).

Vejamos dois casos em que crianças foram expostas diretamente a situações de racismo: um deles ganhou destaque nacional, enquanto o segundo repercutiu na cidade de Cajazeiras - PB, ambos relacionados a incidentes racistas em escolas:

Figura 1: Racismo em festinha escolar



Fonte: Portal Notícia Preta, 2022.

A imagem acima está em domínio público e refere-se a uma notícia que circulou amplamente na internet em junho de 2022, quando uma professora de uma escola municipal em Itaquera, São Paulo, escolheu uma criança negra, que já estava caracterizada como palhaço, para usar uma máscara de macaco. Enquanto outras crianças cantavam uma música que dizia “você virou, você virou um macaco”, o menino se sentiu desconfortável e constrangido. A mãe denunciou o caso e a escola, administrada pela Associação Evangélica Monte Carmelo, afirmou estar tomando medidas judiciais para “esclarecer” (termo utilizado pela escola) os fatos. Após a publicação da reportagem, a associação alegou que a própria criança escolheu a máscara, mas a denúncia ressalta a urgência de combater o racismo nas escolas.²

² Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/04/apos-denuncia-de-racismo-contra-crianca-fantasiada-de-macaco-escola-se-pronuncia-pelas-redes-sociais.ghtml>.

Figura 2: Caso de racismo em escola de Cajazeiras



(print do perfil público do *Instagram* da Frente Negra Unificada de cajazeiras, acesso em 14 de mar. de 2024)

A imagem acima retrata uma atividade organizada por uma das escolas de prestígio da rede privada em Cajazeiras-PB. Durante a atividade, a professora pediu que os pais dos alunos enviassem palha de aço para a confecção da proposta “educativa”, assim, foi feito um esboço de uma mulher negra utilizando o material solicitado para simular seu cabelo. A atividade ocorreu no dia 22 de novembro de 2023 em alusão ao "Dia da Consciência Negra" e provocou uma significativa repercussão na cidade, culminando em um manifesto do movimento negro local, a Frente Negra Unificada de Cajazeiras repudiando veementemente tal iniciativa.

Diante do exposto, reitero a urgência da implementação de um ensino antirracista nas escolas. Essa medida visa coibir práticas discriminatórias, envolvendo não apenas os alunos, mas também suas famílias. É fundamental que todos estejam capacitados para identificar e denunciar atos de racismo, sejam eles explícitos ou velados. No capítulo subsequente veremos uma das muitas opções de implementação da discussão racial na escola.

3 ERA UMA VEZ UMA AUTORA NEGRA:

Este capítulo visa apresentar e discutir a trajetória e a produção da renomada autora negra Kiusam de Oliveira, estruturando-se para isso em três seções fundamentais. Primeiramente, será oferecida uma breve introdução sobre a autora, contextualizando seu percurso e sua relevância no campo literário infanto juvenil brasileiro contemporâneo.

Em seguida, será abordada a definição do que são contos e, suas principais características. Por último, será explorada a significativa importância dos contos que abordam crianças negras na literatura infantil, enfatizando sua contribuição essencial para a promoção da representatividade e da educação antirracista nas narrativas destinadas ao público jovem. Além de apresentar as três obras escolhidas para aplicação das oficinas, as quais se dedicam o presente trabalho.

3.1 KIUSAM DE OLIVEIRA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA AUTORA

Kiusam de Oliveira, é uma mulher negra empoderada e militante no que concerne às temáticas relacionadas ao debate racial. Trata-se de uma renomada educadora, escritora e contadora de histórias brasileira que nasceu em São Paulo e é reconhecida por seu comprometimento com a promoção da cultura afro-brasileira, especialmente no contexto educacional a partir dos seus muitos livros infantis que versam sobre negritude e reivindicam desse modo, uma reavaliação do papel do negro na sociedade brasileira, trazendo elementos positivos culturais desse povo.

Entre suas contribuições literárias, destaca-se o livro "Omo-Oba - Histórias de Princesas e Príncipes" (2023), no qual resgata contos africanos que celebram a força e sabedoria das princesas negras e príncipes africanos, promovendo a valorização da diversidade cultural. A obra aborda questões cruciais relacionadas ao racismo e à construção da identidade cultural a partir de suas experiências pessoais, e convida os leitores à uma reflexão profunda sobre o papel da cor na sociedade brasileira, fator esse que para muitos autores negros é o agente condicionante da opressão racial, afirmando que quanto mais escura a cor da pele, mais exposto ao racismo se está (Kaly, 2001).

Outrossim, além de sua produção literária, a autora em questão se destaca por seu ativismo, participando de palestras e eventos acadêmicos para a promoção da

educação inclusiva e o combate ao racismo. Suas histórias são ricas em elementos culturais, tradições e histórias da diáspora africana, proporcionando um panorama cultural amplo e diversificado.

Posto isso, este enfoque não apenas educa as crianças sobre a importância de suas raízes, mas também fortalece a identidade cultural e o orgulho racial. Através de suas obras, a escritora tem se destacado por sua capacidade de criar narrativas envolventes que celebram a cultura e a história negra, e seus contos frequentemente exploram questões como identidade, pertencimento, ancestralidade e resistência, apresentando uma representação rica e complexa da experiência afro-brasileira.

Assim, é através de seus contos que Kiusam de Oliveira desafia estereótipos e preconceitos, oferecendo uma visão positiva e afirmativa da identidade negra. Suas obras inspiram uma nova geração de leitores a se engajar na promoção da igualdade racial e no reconhecimento da contribuição vital das comunidades negras para a cultura e a história brasileira, colaborando ainda para a preservação e valorização do patrimônio cultural Afro-brasileiro.

Vale ressaltar, que sua formação acadêmica, com graduação em Pedagogia e mestrado em Psicologia da Educação, fundamenta suas reflexões e práticas educacionais, fazendo com que a autora tenha uma visão mais sensível e acima de tudo, política sobre a importância da representatividade negra nos mais diferentes espaços, incluindo nos contos.

Sendo assim, Kiusam de Oliveira se construiu a partir de sua atuação, como uma voz influente na discussão sobre antirracismo, diversidade, educação e inclusão, deixando um legado valioso para as gerações presentes e futuras. Seu trabalho educacional complementa suas obras literárias, reforçando a importância da leitura como ferramenta de transformação social. A escritora tem inspirado tanto educadores quanto jovens leitores, mostrando o poder da literatura como meio de mudança e empoderamento.

Outro aspecto importante sobre suas obras, são as ilustrações vibrantes e coloridas que acompanham as histórias. A supracitada autora colabora com talentosos ilustradores que trazem vida às suas narrativas, tornando-as mais atraentes e acessíveis para as crianças. As imagens complementam os textos, ajudando a transmitir as mensagens de forma visual e impactante.

Assim, é inegável a influência e importância da escritora para a literatura afro-brasileira. Kiusam tem trabalhado ativamente para ampliar o acesso de crianças e

jovens a livros que reflitam suas realidades culturais e étnicas, incentivando o desenvolvimento de uma consciência crítica e uma visão mais inclusiva do mundo.

3.2 DA DEFINIÇÃO DE CONTOS

Os contos, na tradição literária, são narrativas breves que encapsulam a complexidade da experiência humana em um espaço compacto, ou seja, a partir de uma história ficcional que será desenvolvida em um período curto, temas importantes serão trabalhados. Este gênero, tão vasto e multifacetado, tem sido explorado por escritores de diversas origens e culturas, incluindo autores negros cujas contribuições foram fundamentais para enriquecer e diversificar o cenário literário.

Maria do Carmo Ferreira da Costa, é um bom exemplo de escritora negra brasileira que traz muitas considerações ao cenário literário, oferecendo uma perspectiva única sobre o poder dos contos. Em muitas de suas obras, Madu Costa, como popularmente é conhecida, desafia as noções convencionais de identidade e memória, explorando temas como raça, classe e amizade em uma narrativa enxuta e impactante.

Além de Madu Costa, autoras contemporâneas como Sônia Rosa também têm deixado sua marca no mundo dos contos. Em obras como: *Zum Zum Zumbiiiiiiii (2020)*; *Enquanto o almoço não fica pronto (2020)*; *É o tambor de crioula (2020)*; e *Três histórias de encanto (2020)*, a autora aponta uma visão fundamental no mosaico da literatura infantil brasileira, trazendo à tona vozes e histórias que muitas vezes permanecem à margem.

Sua colaboração transcende as páginas dos livros, influenciando positivamente a vida de muitas crianças e ajudando a construir um futuro em que todas possam se reconhecer e se orgulhar de suas identidades. Em um contexto no qual a diversidade ainda é insuficientemente refletida nos livros infantis, as histórias de Sônia Rosa possibilitam às crianças negras a oportunidade de se verem representadas de maneira positiva, abordando temas como a autoestima, a valorização das raízes culturais e a importância do respeito às diferenças.

Através das obras dessas autoras negras e de tantas outras, os contos emergem como um espaço fértil para a expressão das experiências e perspectivas da comunidade negra. Suas histórias, ricas em nuances e profundidade emocional,

ilustram o poder transformador das narrativas curtas e reafirmam a importância de se ouvir e celebrar uma variedade de vozes na literatura contemporânea.

3.3 A IMPORTÂNCIA DE CONTOS SOBRE CRIANÇAS NEGRAS NA LITERATURA INFANTIL: UMA PERSPECTIVA NECESSÁRIA PARA A REPRESENTATIVIDADE E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A literatura infantil ocupa um papel preponderante na formação das primeiras percepções e valores das crianças, moldando não apenas seu entendimento do mundo, mas também seu senso de identidade e pertencimento. Nesse contexto, a inclusão de contos que retratam crianças negras emerge como um imperativo não apenas estético, mas ético e educacional.

Em primeiro lugar, é preciso destacar a importância da identificação e do empoderamento. Crianças negras, ao se compararem com personagens que possuem suas características físicas e culturais, desenvolvem uma conexão mais profunda com a história. Essa identificação não apenas constrói a autoestima, mas também instiga o desenvolvimento de um senso de pertencimento que se configura como o bem-estar emocional e psicológico (Santos, 2020).

Dessa maneira, contos que desafiam estereótipos tradicionais também desempenham um papel importante na desconstrução de preconceitos e na promoção de uma visão mais autêntica e positiva das experiências das crianças negras. Ao mostrar personagens diversos em papéis diversos, essas histórias ajudam a moldar uma narrativa mais precisa e equitativa, combatendo assim a perpetuação de estigmas relacionados.

Ademais, a diversidade cultural proporcionada pelos contos que exploram as vidas de crianças negras enriquece sobremaneira a literatura infantil, oferecendo a todas as crianças a oportunidade de aprender sobre diferentes tradições, costumes e perspectivas. Ao celebrar e compartilhar essas experiências, essas narrativas promovem uma compreensão mais ampla e respeitosa das riquezas culturais que compõem nossa sociedade.

A literatura infantil é uma ferramenta educacional poderosa, e contos sobre crianças negras são significativos para a construção de uma mentalidade antirracista. Ao apresentar narrativas que exploram temas como resiliência, superação e celebração da diversidade, essas histórias se tornam instrumentos importantes na

formação de uma nova geração de indivíduos conscientes e comprometidos com a igualdade. Ao expor crianças de todas as origens, há histórias que destacam personagens negros, fomentamos a empatia e entendimento mútuo (Santos, 2020).

Nesse sentido, Santos (2022) aponta que “Introduzir a literatura negra no currículo escolar é romper com todo o modelo educacional eurocêntrico que sempre beneficia a cultura do branqueamento, colocando o negro sempre na perspectiva de inferioridade”. A literatura negra torna-se, assim, uma ponte para a compreensão da diversidade étnica.

Na literatura contemporânea brasileira, a representatividade das pessoas negras tem ganhado cada vez mais destaque, e autores como Kiusam de Oliveira vem ganhando espaço no mundo da literatura infantojuvenil pela criação de contos que retratam essas pessoas de forma positiva.

3.4 DOS CONTOS

Os três contos selecionados nesta seção compartilham uma característica marcante: todos promovem uma reavaliação da representação do negro, conferindo-lhe um papel de destaque. Essas narrativas, ao desafiar estereótipos e oferecer uma visão mais complexa e humanizada, contribuem para uma discussão crítica sobre as diferentes identidades.

Nesse contexto, é importante considerar que os contos frequentemente refletem as normas e valores da sociedade em que são criados. Augusto (2022) apresenta que

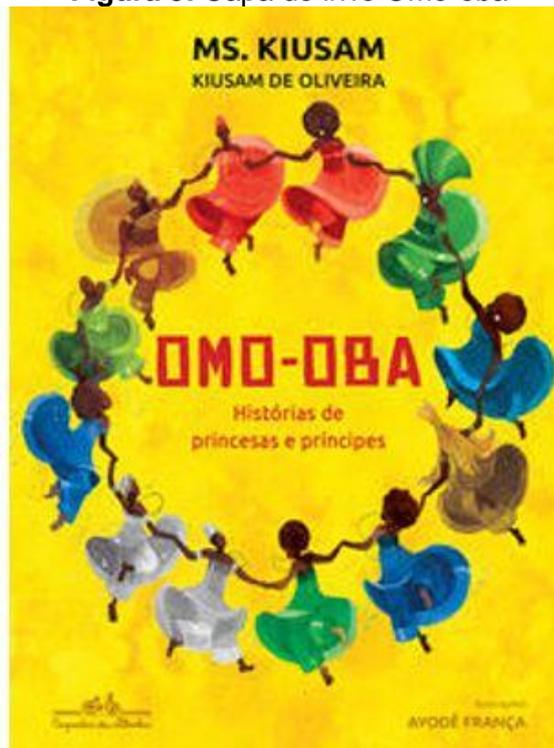
“[...] a literatura Afro-brasileira precisa adentrar aos espaços das bibliotecas e unidades escolares para compor o acervo com autores e autoras negras, como forma de decolonizar, ampliar o foco currículo escolar para a diversidade, cultura, social, econômico e construir um espaço com narrativas que contemple as vozes de diferentes povos” (Augusto, 2022).

Através da análise dessas histórias, podemos explorar como as representações literárias moldam nossa percepção e influenciam a construção da identidade racial. Além disso, a escolha de dar protagonismo ao personagem negro é uma estratégia literária que desafia a hegemonia narrativa e amplia a diversidade de vozes na literatura.

3.4.1 “OMO-OBA: HISTÓRIA DE PRINCESAS E PRÍNCIPES”

"Omo-Oba: História de Princesas e Príncipes" é uma obra literária que mergulha profundamente na rica cultura e tradições do povo Yorubá, situado na região da Nigéria e Benin, na África Ocidental. Escrito por Kiusam de Oliveira, o livro não apenas narra histórias de princesas e príncipes, mas também oferece uma visão penetrante da complexa estrutura social e das crenças espirituais desse grupo étnico.

Figura 3: Capa do livro Omo-oba



Fonte: Arquivo online, 2023.

A narrativa desvenda um mundo mágico, onde os deuses interagem com os mortais e onde a hierarquia real é envolta em rituais e protocolos meticulosos. As princesas e príncipes retratados no livro são personagens que enfrentam desafios diversos, desde dilemas amorosos até provações de caráter e lealdade. Cada conto é habilmente entrelaçado com elementos folclóricos e mitológicos, revelando a profunda conexão do povo Yorubá com sua história e seus antepassados.

A autora utiliza uma linguagem rica e evocativa, repleta de metáforas e imagens vívidas, que transportam o leitor para as paisagens exuberantes da África e para os palácios suntuosos onde se desenrolam as tramas. Além disso, o livro é permeado por valores como honra, respeito aos mais velhos e reverência aos deuses,

transmitindo ensinamentos morais e éticos que são fundamentais na cosmovisão Yorubá.

Ao analisar *Omo-Oba: História de Princesas e Príncipes*, percebemos que não se trata apenas de uma coletânea de contos infantis, mas sim de uma obra que oferece uma ampla visão sobre a cultura e a identidade de um povo. Através das histórias dos personagens principais, somos convidados a refletir sobre questões universais, como o poder do destino, a força da família e a importância da tradição.

Além disso, o livro também discute sobre a posição das mulheres na sociedade Yorubá, destacando o papel central que as princesas desempenham tanto na estrutura política quanto na preservação das tradições. Em muitos dos contos, as protagonistas demonstram coragem, inteligência e determinação, desafiando as expectativas e reivindicando seu espaço em um mundo dominado por homens.

Em suma, *Omo-Oba: História de Princesas e Príncipes* é uma obra que cativa e educa, proporcionando não apenas entretenimento, mas também uma compreensão mais profunda da cultura Yorubá e de sua rica herança literária. Através de seus contos fascinantes e personagens cativantes, o livro nos convida a explorar um universo encantado onde a magia e a realidade se entrelaçam de maneira indissociável.

3.4.2 “COM QUAL PENTEADO EU VOU?”

Com Qual Penteado Eu Vou é uma obra da autora Kiusam de Oliveira, na qual apresenta uma narrativa leve e ao mesmo tempo profundamente reflexiva sobre as complexidades da vida urbana, das relações familiares e das questões identitárias, especialmente no contexto brasileiro.

O livro é construído em forma de diálogos entre mãe e filha, onde a protagonista, uma menina negra, questiona sua mãe sobre qual penteado usar para ir à escola. Essa aparentemente simples pergunta desencadeia uma série de reflexões sobre identidade, autoaceitação e representatividade, não apenas para a personagem principal, mas também para o leitor.

Figura 4: Capa do Livro Com qual penteado eu vou?



Fonte: Arquivo online, 2021.

A autora aborda temas como racismo, padrões de beleza e diversidade étnica através de uma linguagem acessível e envolvente, adequada ao público infantojuvenil. A autora consegue transmitir mensagens poderosas sobre aceitação de si mesmo e valorização da própria identidade, sem subestimar a capacidade de compreensão das crianças.

A escolha do penteado como ponto de partida para essa reflexão é significativa, pois os cabelos negros têm sido historicamente alvo de discriminação e estigmatização. Ao abordar essa questão de forma sensível e empática, o livro promove a valorização da beleza e da diversidade racial, encorajando os leitores a se sentirem orgulhosos de suas características únicas.

Além disso, o livro também destaca a importância do diálogo e do apoio familiar na construção da autoestima e da identidade das crianças. A relação amorosa entre mãe e filha retratada na obra serve como exemplo de como o entendimento e o respeito mútuo podem fortalecer os laços familiares e ajudar os indivíduos a enfrentarem os desafios da vida cotidiana.

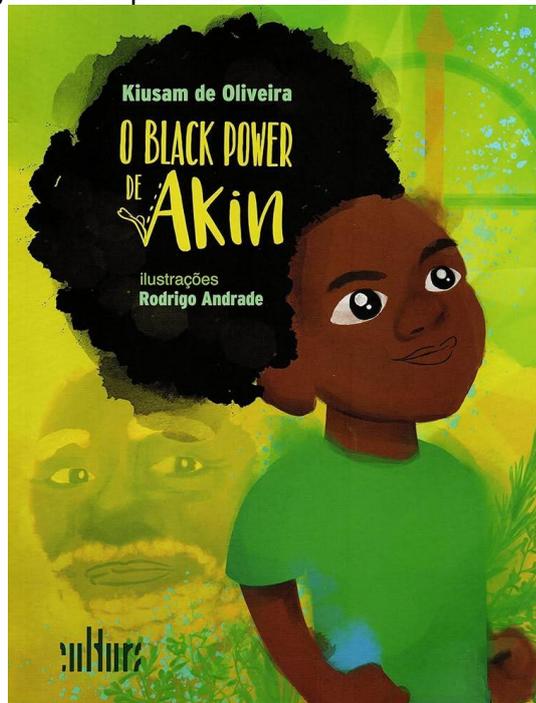
Assim, trata-se mais do que de um simples livro sobre cabelos. É uma obra que promove a reflexão sobre questões profundas de identidade, representatividade e

inclusão, enquanto celebra a beleza da diversidade étnica e incentiva o amor próprio e a autoaceitação. Por meio de uma narrativa envolvente e personagens cativantes, a escritora nos convida a repensar nossas próprias concepções de beleza e aceitação, tornando-o uma leitura essencial para crianças e adultos

3.4.3 O BLACK POWER DE AKIN

O Black Power de Akin é uma obra que se destaca por sua mensagem de empoderamento e valorização da identidade afro-brasileira. A história é centrada em Akin, um menino negro que se orgulha de seu cabelo crespo e volumoso, conhecido como "black power", termo cunhado nos Estados Unidos na década de 1960, no movimento da população afrodescendente pela igualdade de direitos civis (Ferreira, 2023).

Figura 5: Capa do livro “O Black Power de Akin”



Fonte: Arquivo online, 2020.

Desde cedo, Akin enfrenta comentários e atitudes preconceituosas por conta de seu cabelo. Contudo, ele encontra força e apoio em sua família, que o ensina a apreciar suas raízes e a beleza de sua herança cultural. A narrativa é um verdadeiro hino à autoestima e à aceitação, mostrando que, apesar dos desafios impostos pelo

racismo e pelos estereótipos associados a estética negra, é possível encontrar orgulho e beleza na própria identidade.

As ilustrações detalhadas que acompanham o texto enriquecem a experiência de leitura, trazendo vida à jornada de Akin e destacando a diversidade e a riqueza da cultura afro-brasileira. O livro não apenas entretém, mas também educa, promovendo reflexões sobre a importância da representatividade e do respeito às diferenças.

4 ESTUDO DE CASO

O presente capítulo tem por objetivo apresentar as oficinas que realizei nas três escolas selecionadas para aplicação da pesquisa. Para tanto, o dividi em três seções, sendo elas: Pesquisa etnográfica, em que explico do que se trata tal metodologia, e porque adotei sua utilização no trabalho; seguindo para como se deu a realização das oficinas, e finalizando com os resultados obtidos.

4.1 PESQUISA ETNOGRÁFICA

A pesquisa etnográfica é uma abordagem metodológica que visa compreender e descrever práticas, comportamentos, significados e interações culturais de grupos sociais específicos. Originada no campo da antropologia, esta metodologia se expande para diversas disciplinas, incluindo sociologia, educação, psicologia e comunicação. O termo "etnografia" deriva do grego, onde "ethnos" significa povo e "grapho" escrever, representando assim a prática de escrever sobre as culturas (Wielewicki, 2001).

O cerne da pesquisa etnográfica é a experimentação do pesquisador no ambiente natural do grupo analisado. Isso implica observação dos participantes, entrevistas, registros detalhados e a busca por compreender as dinâmicas culturais a partir da perspectiva dos indivíduos. Ao contrário de abordagens mais tradicionais, a pesquisa etnográfica busca capturar a complexidade e nuances das práticas sociais no contexto em que ocorrem.

A contribuição desta metodologia para a produção do conhecimento é significativa, pois ela fornece uma compreensão aprofundada das práticas culturais, permitindo aos pesquisadores capturar a essência das experiências vividas pelos membros do grupo investigado. Além disso, também destaca a subjetividade do pesquisador e a natureza interpretativa do conhecimento produzido. Isso implica uma reflexividade constante sobre as próprias influências e preconceitos do pesquisador, promovendo uma abordagem mais crítica e contextualizada (Wielewicki, 2001).

Desse modo, ao considerar minha pesquisa, identifiquei na etnografia a metodologia que melhor se alinha com a proposta que me lancei a desenvolver. Não desejava apenas entrar na sala de aula, ler um livro e sair. Pelo contrário, minha intenção era compreender como esses alunos estavam se adaptando à temática;

como reagiriam a longo prazo às atividades e de que forma essas atividades contribuiriam (ou não) para a identificação dessas crianças enquanto pessoas negras.

4.2 DA REALIZAÇÃO DAS OFICINAS

A oficina de contação de história teve uma duração de dois meses, iniciadas em 01 de março de 2024 a 02 de maio do mesmo ano. Os livros de literatura infanto juvenil utilizados para o desenvolvimento das oficinas foram três, sendo eles: *“Com qual penteado eu vou?”*, *“O Black Power de Akin”* e *“OMO-OBA: histórias de princesas e príncipes”*, todos escritos pela autora Kiusam de Oliveira. As instituições de Ensino Básico as quais ministrei as oficinas foram três escolas que estão localizadas na zona Leste da cidade de Cajazeiras-PB, de bairros’ periféricos, de região marginalizada, estigmatizada e de população majoritariamente negra.

ESCOLA 01

Na escola 1, pude notar que estruturalmente é um ambiente mais acolhedor, com salas climatizadas, recursos disponíveis para auxiliar no desenvolvimento de atividades, salas organizadas e limpas, porém, na turma a qual fiquei para realizar a contação de história, embora seja de Educação Infantil, onde o cuidar é um dos pilares nessa fase da primeira infância, observei que não houve um acolhimento afetivo na relação professor-aluno, a docente demonstrou muitas vezes, ter impaciência ao dialogar com seus alunos, sempre pedindo para fazerem silêncio de forma arrogante e autoritária, o que dificultou muito na minha aproximação com alguns dos alunos, pois eles tinham muita cautela em suas ações para comigo. Mas, mesmo com algumas resistências, os alunos foram se habituando com a minha presença fazendo parte de sua rotina escolar.

A oficina se desenvolveu em algumas etapas, primeiro apresentei os livros que seriam trabalhados, mostrando-os minuciosamente as suas capas, explorando as cores, ilustrações, falando brevemente sobre a autora etc. Depois realizei a pergunta: “Olhando para a capa deste livro, sobre o que acham que ele fala?”, antes de iniciar as leituras e sempre retomando a pergunta ao concluí-las.

Quando de fato comecei a leitura dos livros, em específico “Com qual penteado eu vou?”, fui mostrando cada detalhe do livro, ao chegar em um a determinada página

onde ilustrava a imagem de várias crianças de mãos dadas, representando a força e união, um dos alunos associou àquelas mãos a mãos de macacos, o que gerou uma discussão a qual tive que intervir, explicando que as ilustrações expostas naquela página, eram braços dos personagens da história, e que não deveriam ser associadas a mãos de animais, então pedi para que cada criança mostrassem seus braços, em seguida, disse que as nossas mãos tinham diferentes tonalidades, umas mais escuras, outras mais claras, entendendo que não era braços de animais, mas sim, de crianças, o aluno começou a observar mais as ilustrações do livro.

Os alunos se empolgavam ao verem cada personagem da história, como estavam os seus cabelos, como se chamavam, sempre comentando, “ah, esse parece com você”, e/ou “esse se parece comigo, professora”, era uma animação nítida a cada passar de folha.

Ao final da oficina, realizei um desfile com algumas recriações dos penteados de um dos livros que levei para a escola, o que resultou em uma satisfação dos alunos em quererem participar e fazer os penteados destacados como os mais belos, pelas próprias crianças.

ESCOLA 02

A escola 2 tem um ambiente maior se comparado à primeira, mas devido à má organização dos espaços sofre pela ausência de ambientes importantes como um refeitório, quadra para serem realizadas as aulas de educação física, entre outros. Em decorrência do problema descrito anteriormente, quando estive ministrando as oficinas, senti dificuldade no que diz respeito a prosseguir a leitura e discussão das histórias. As aulas de educação física e o barulho ocasionado por estas, em conjunto com o problema acústico das salas de aula, causado pelos buracos de ventilação nas paredes, me faziam sempre ter que falar muito alto para ser entendida, assim como deixava as crianças agitadas tirando o foco da atividade desenvolvida.

Apesar das questões estruturais, conduzir as oficinas foi um pouco mais fácil em alguns aspectos, primeiro pelo fato de a turma estar familiarizada com a temática abordada, pois concomitantemente às minhas oficinas, estavam sendo realizadas o *workshop* do projeto ExpoAfro (trata-se de um festival de cultura negra financiado pela Lei Paulo Gustavo, uma legislação de fomento e incentivo à cultura), segundo porque

a turma a qual foi realizada a contação de história, era uma turma de 5º ano (faixa etária entre 10 e 11 anos), que demonstrava maior discernimento sobre o tema.

No entanto, vale destacar que embora não se tratasse de um assunto novo para os discentes, não significa que a condução das oficinas não tenha contado com adversidades, muitas vezes o professor tinha que intervir por conta dos barulhos provocados pela turma, pelas conversas paralelas etc. De acordo com alguns docentes, uma prática comum na escola são as “brincadeiras” de bater entre os estudantes, o que dispersava ainda mais a turma, dificultando a desenvoltura da oficina.

Ademais, observei que no decorrer dos dias realizando as leituras, cada vez mais as crianças se sentiam representadas, de forma positiva, nos personagens das histórias, desencadeando algumas reflexões sobre a população negra, destacando as diferentes posições de mulheres e homens negros, não mais de maneira subalterna e subserviente, mas como heroínas, heróis, rainhas, reis, princesas e príncipes, ganhando ênfase com o conto de “*OMO-OBA: histórias de princesas e príncipes*”, a qual uma das alunas relatou que conseguiu se enxergar em uma das personagens.

ESCOLA 3

A escola 3, em termos de estrutura é muito aconchegante e organizada, quando cheguei no primeiro dia, fui bem recebida pela vice-diretora, que logo me familiarizou com o ambiente. Contém salas climatizadas, e embora seja uma escola pequena, há uma boa divisão dos espaços, com refeitório, biblioteca, sala de AEE, sala de informática, dentre outros.

Assim como na escola 2, a turma com qual realizei a contação de história, estava na mesma faixa (entre 10 e 11 anos). Dessa forma, apresentei os contos, e sempre iniciava fazendo a pergunta, “Sobre o que acham que fala este conto?”, a fim de observar as diferentes interpretações sob o mesmo objeto em análise. De início, a turma ficava bem agitada, pelo fato de que as minhas oficinas eram aplicadas sempre após o intervalo, até que com o passar dos dias a minha presença passou a ser entendida como parte da rotina da sala, e começaram a interagir com mais facilidade e foram se desinibindo cada vez mais.

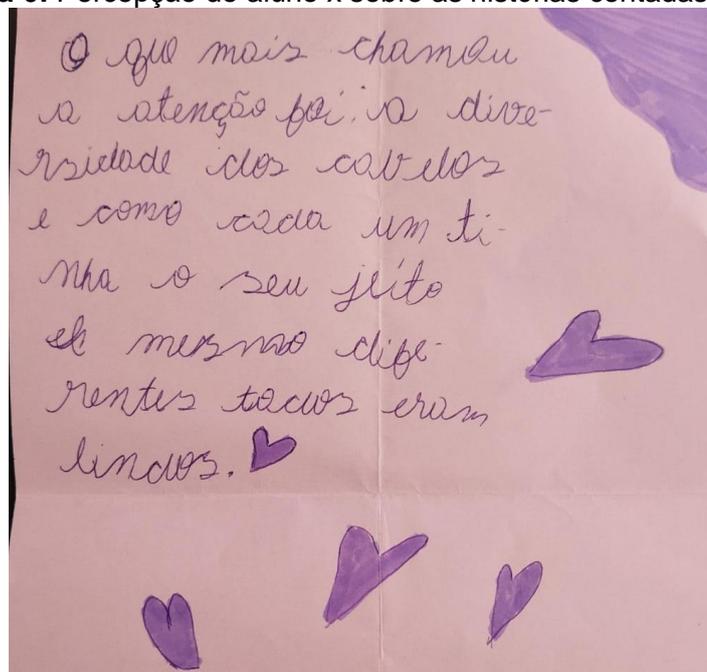
O conto que gerou mais diálogo, foi “*Com qual penteado eu vou?*”, pois trazia para o momento de discussão, uma maior proximidade com as realidades

encontradas naquela sala de aula, uma vez que as meninas e os meninos se enxergavam nas diversidades de modelos dos penteados, que a todo tempo, chamavam a atenção dos discentes. Acrescentei ao meu roteiro a seguinte pergunta: “Vocês conhecem, ou já viram alguém parecido com os personagens ilustrado no conto?”, e foi inegável o quanto as crianças se envolviam e empolgavam-se com os desenhos ilustrativos.

Finalizei a oficina pedindo para que os alunos me entregassem um desenho, ou escrevessem, o que mais chamou a atenção deles nas histórias contadas. Em uma das folhas recebidas por mim, me deparei com um depoimento o qual dizia: “O que mais me chamou atenção foi a diversidade dos cabelos e como cada um tinha o seu jeito, mesmo diferentes todos eram lindos”, outro dizia: “Ah, na parte em que os netos se apresentaram tudinho, cada um com sua cor de pele!”.

A figura 6 retrata o desenho com o registro da primeira percepção citada acima.

Figura 6: Percepção do aluno x sobre as histórias contadas



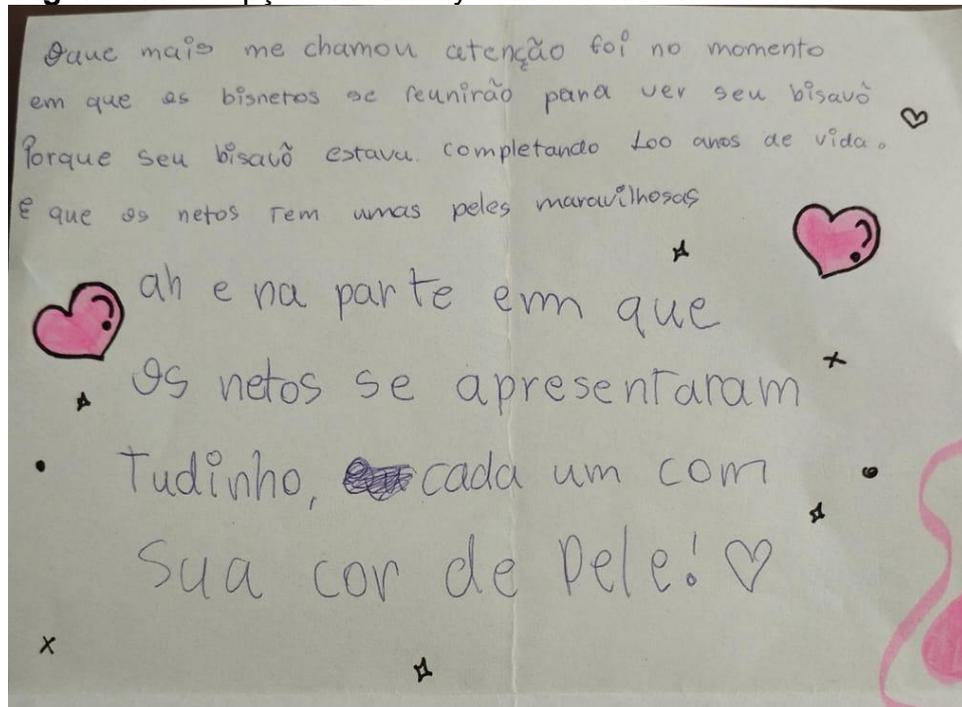
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A apreciação pela diversidade expressa no texto da aluna é um exemplo inspirador de como podemos aprender a valorizar as diferenças em nossa sociedade. Ao observar e valorizar a individualidade dos estilos de cabelo, a estudante nos ensina a encontrar beleza na diversidade e a promover uma cultura de respeito e inclusão.

Este tipo de perspectiva é essencial para o desenvolvimento de um mundo onde todos se sintam vistos, valorizados e respeitados.

Na figura 7 observa-se o registro da percepção da aluna que manifestou o segundo comentário citado.

Figura 7: Percepção da aluna y sobre as histórias contadas



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A estudante evidencia em sua breve transcrição a importância de entender a diversidade de tons de pele, aspectos físicos e características presente na população negra brasileira. Destaca-se aqui que tal elemento de múltiplas tonalidades e traços, somados a um projeto (intencional de branqueamento) faz com que muitas pessoas de diferentes idades não saibam a que grupo étnico pertencem.

4.3 RESULTADOS OBTIDOS

Enquanto uma pesquisadora negra, confrontar a realidade do racismo na educação infantil, foi uma experiência bastante desafiadora, para dizer o mínimo. Visto que em minhas vivências como estudante, tive por vezes que lidar com o estigma de ser uma criança preta em uma escola que o currículo não valorizava minha história, que as práticas educacionais não estavam alinhadas às minhas necessidades, e que,

acima de tudo, o racismo era tratado como algo natural de tal modo a me impossibilitar me reconhecer positivamente como uma pessoa negra.

Ao iniciar minha pesquisa, buscava entender se/como os contos com protagonistas negros poderiam contribuir significativamente para a construção da identidade de crianças negras, tendo em vista que, na maioria das vezes, o material de apoio não retrata o negro de maneira positiva, mas sempre de forma subalterna e estereotipada.

Portanto, entender os contos como uma possibilidade de dar visibilidade à cultura afro-brasileira, tornou-se o ponto inicial da minha curiosidade, principalmente por enxergar a literatura infantojuvenil como grande potencial para alcançar as diferentes realidades das crianças negras nos mais variados espaços.

Assim, pesquisar sobre a construção da identidade negra de crianças me permitiu identificar alguns fatores que influenciavam de forma positiva ou negativa, esse desenvolvimento. A família, a escola, a mídia e a comunidade desempenham papéis precisos na formação da identidade. Estudando essas influências, foi possível compreender como elas contribuem para a autoestima e o senso de pertencimento das crianças negras.

A partir dos contos analisados, pude perceber que a carência de protagonistas negros não só perpetua estereótipos raciais prejudiciais, mas também priva os jovens leitores de experiências literárias enriquecedoras que refletem a pluralidade da sociedade. Quando personagens negros aparecem raramente e, quando o fazem, são frequentemente retratados de maneira estereotipada ou secundária, isso reforça visões limitadas e negativas sobre as pessoas negras

Portanto, crianças que se veem refletidas nos livros que leem são mais propensas a desenvolver um amor pela leitura e a se engajar mais profundamente com o material. Assim, a inclusão de protagonistas negros não é apenas uma questão de justiça social, mas também de eficácia educacional (Valença, 2023).

Ao ampliar a representatividade na literatura infantil, não só estamos criando um ambiente mais inclusivo e acolhedor para crianças negras, mas também educando todas as crianças para valorizarem e celebrarem a diversidade, preparando-as para se tornarem cidadãos conscientes e empáticos em uma sociedade multicultural.

5 CONCLUSÃO

Considerando a discussão apresentada neste trabalho, é evidente que os contos literários podem servir como uma ferramenta eficaz na construção da identidade de crianças negras. A incorporação de contos afro-brasileiros no ambiente escolar demonstra um potencial significativo para fortalecer a autoestima e o senso de pertencimento das crianças.

Esse tipo de literatura proporciona uma representação positiva e diversificada da cultura negra, permitindo que esses alunos vejam aspectos de sua própria identidade refletidos nas histórias que ouvem e leem, ampliando significativamente sua compreensão sobre as diversas vozes e experiências presentes na cultura brasileira.

Quando as crianças são expostas a narrativas que celebram a herança cultural afro-brasileira, elas têm a oportunidade de se identificar com os personagens e se sentir valorizadas e respeitadas em seu ambiente educacional. Isso é particularmente importante em uma sociedade onde a representação midiática e literária muitas vezes negligencia ou distorce a imagem de pessoas negras.

Assim, os resultados indicam que esses contos desempenham um papel essencialmente importante na valorização da cultura afro-brasileira, contribuindo para o fortalecimento da autoestima e do senso de pertencimento das crianças negras. Desse modo, pode-se concluir que a integração desses contos no currículo escolar promove um ambiente educacional representativo, onde todas essas crianças possam se reconhecer e se valorizar.

Ao introduzir essas obras em sala de aula, os educadores não apenas estimulam o debate crítico e a análise literária, mas também proporcionam aos alunos uma oportunidade única de se engajar com perspectivas diversificadas e autênticas. Através da leitura de narrativas que refletem a vivência afro-brasileira, os estudantes são incentivados a questionar estereótipos arraigados, a valorizar a pluralidade cultural do Brasil e a desenvolver uma consciência mais profunda sobre as questões de justiça social e igualdade.

Logo, é imprescindível o educador incorporar uma perspectiva antirracista em sua prática cotidiana, pois isso inclui a escolha de materiais didáticos que representem de maneira precisa e respeitosa a diversidade étnico-racial, promovendo a valorização das contribuições de diferentes culturas para a sociedade.

Por fim, reconheço que, embora essa temática esteja longe de se esgotar como possibilidade de pesquisa, minha dissertação serve como material de apoio para outros docentes comprometidos com um ensino antirracista. Pois além de abordar amplamente o tema, ela apresenta opções de materiais a serem utilizados e oferece orientações práticas no roteiro de aplicação das oficinas, que está anexado ao final desta monografia

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Selma. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Unificada: Revista Multidisciplinar da FAUESP**, v. 4, n. 6, p. 109-113, 2022.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. A luta contra o racismo e a questão da identidade negra no Brasil. **Contemporânea**. V.8, n. 1 p.163-191. jan.-jun. 2018.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CUNHA, Thiago Rodrigo de Almeida. O CONCEITO DE INFÂNCIA AO LONGO DA HISTÓRIA. **Humanas em Perspectiva**, v. 10, 2023.
- FÉLIX, Mariana Valença **A contribuição do professor de história para a construção de uma educação antirracista**. Cajazeiras, 2023.
- FERREIRA, Jonas Alexandre. **Cabelos que incomodam: a relação presente entre a estética capilar e a construção de uma identidade negra no século XXI**.
- FRANÇA, Dalila Xavier de. Discriminação de crianças negras na escola. **Revista Interações**, v. 13, n. 45, 2017.
- GALLO, Sílvio. **Imagem do outro na filosofia: o desafio da diferença**. Campinas: ETD – Educ. Tem. Dig. 2012.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, v. 29, p. 167-182, 2003.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Editora autêntica, 2019.
- KALY, Alain Pascal. **O ser Preto africano no “paraíso terrestre” brasileiro: um sociólogo senegalês**, 2001.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação, episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LUCENA, Francisco Carlos de; LIMA, Jorge dos Santos. SER NEGRO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE "IDENTIDADE NEGRA". **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, n. 2, 2009.
- MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos Avançados**. 18 (50), 2004.
- MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, n. 68, p. 46-57, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**. V.4, n.8. jul.-out. 2012, p. 6-14.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. – 4. Ed. Belo Horizonte: Editora autêntica, 2020.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou?**. Editora Melhoramentos, 2021.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O black power de Akin**. Editora de Cultura, 2020.

PORTAL NOTÍCIA PRETA. **Professoras de escola municipal de Itaquera (SP) colocam máscara de macaco em criança negra de 3 anos**. 2022. Disponível em: Professoras de escola municipal de Itaquera (SP) colocam máscara de macaco em criança negra de 3 anos - Noticia Preta - NP. Acesso em: 14 mar. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Um pequeno manual antirracista**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Ana Lucia da Ressurreição. **Cabelo, Cabeleira, Cabeluda, Descabelada: A importância do cabelo na construção da identidade da raça negra**. III Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 2012.

SANTOS, Daniela Araújo dos. **Importância do ensino da literatura negra na formação identitária das crianças da Educação Infantil**. 2022.

SANTOS, Jennifer Oliveira dos. **O impacto dos contos infantis na formação social, emocional e psicológica das crianças na educação infantil**. 2020.

SANTOS, Rebeca Paz dos. DEFINIÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS CONTOS DE FADAS. Unificada: **Revista Multidisciplinar da FAUESP**, v. 5, n. 4, p. 225-230, 2023.

SILVA, Hernani Francisco da. Definição sobre a branquitude. **Portal Geledés**. [S.l.] 10 set. de 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/?s=branquitude>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

SOUZA, Sephora Santana; LOPES, Tarcília Melo; DA SILVA SANTOS, Fabianne Gomes. **INFÂNCIA NEGRA** (2007).

VIDEIRA, Piedade Lino. Criança negra e discriminação étnica na escola e movimentos pela educação popular. **Padê: Estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos (encerrada)**, v. 1, n. 2, 2007.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. **A pesquisa etnográfica como construção discursiva**. Acta Scientiarum, Maringá, v. 23, n. 1, p. 27-32, 2001.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

APÊNDICE A – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA AS OFICINAS

➤ PERGUNTAS PARA OS ALUNOS:

- 1 Olhando para a capa desse livro, sobre o que acham que o conto fala?
- 2 Vocês conhecem alguém parecido ou se veem representados pelos personagens desse conto?
- 3 O que mais te chamou atenção na história lida?
- 4 Vocês já tiveram contato com histórias a qual trouxessem sobre a cultura afro-brasileira de maneira positiva? Se sim, qual?
- 5 Gostaria que contos como esse fossem trazidos e lidos com mais frequência na sua escola?

➤ PONTOS A SEREM ANALISADOS:

- Até que ponto os alunos estavam familiarizados com contos que trazem protagonistas negros de maneira positiva?
- Quais os impactos das ilustrações apresentadas nas histórias para a representatividade das crianças?
- Qual etnia predominante na sala de aula? A maioria dos alunos são negros ou brancos?
- Como as crianças se enxergavam antes do contato com contos da cultura afro-brasileira?
- Como passaram se reconhecer pós contato com os contos apresentados nas oficinas?